

Homossexualidade

Percorrendo as trilhas do pensamento freudiano

Ignácio A. Paim Filho¹

Augusto M. Paim,² Bruna Ferreira Fernandes³ e

Liza S. A. Corso⁴

Resumo: O artigo se propõe a revisitar de maneira pontual os escritos teóricos de Freud a respeito da homossexualidade. Para isso, parte da revisão do conceito de estruturas psíquicas, fazendo uma diferenciação quanto ao tópico da escolha de objeto, este que está implicado, mas não é determinante na constituição da psique. Neste processo, procura desmistificar o lugar marginalizado que, por muitas vezes, a homossexualidade é historicamente posta, ao lado das *perversões “patológicas”* (Freud, 1905/1969g). Em seguida, para elucidar as proposições, apresenta o enredo do filme *Azul é a cor mais quente*, longa-metragem que retrata a vida da personagem Adèle e seus conflitos diante do seu romance com Emma. O artigo faz uso dessa produção cinematográfica para desmembrar teoricamente a relevância dos estudos sobre a homossexualidade e sua pertinência na contemporaneidade. Com este breve percorrido tem a pretensão de reatualizar os fundamentos freudianos sobre as identificações e a problemática da identidade sexual.

Palavras-chave: homossexualidade, Freud, estruturas, escolha de objeto, desejo, identificação

1 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

2 Psicanalista em formação pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

3 Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG).

4 Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG).

A investigação psicanalítica opõe-se com toda a firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer escolhas de objeto homossexual e que de fato o consumaram no inconsciente.
(FREUD, 1905-1915/1969g, p. 136)

A temática da homossexualidade era o grande desafio que se impunha ao mundo científico, em especial, no início do século xx. As principais correntes defendiam a ideia de ser uma patologia, inata e de cunho degenerativo. É nesse clima que Freud se debruçou sobre os enigmas que constitui esse modo de ser. Como sabemos é no texto inaugural, ou melhor, no livro, da sua concepção sobre a sexualidade humana, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1969g), que irá abordar e propor, de forma mais explícita, a sua compreensão sobre o ser homossexual. Nesse sentido, fará dos fatores acidentais o fator de maior relevância da estruturação do psiquismo (Freud, 1905-1915/1969g). Por esse caminho, vai delineando desde a primeira edição dos “Três ensaios...”, seu posicionamento contrário às teorias do inatismo na constituição da identidade sexual.

Tomando por pressuposto o lugar central desse livro centenário, no pensar freudiano, sobre a sexualidade é importante destacar que o livro recebeu vários complementos, em suas sucessivas edições: 1905, 1910, 1915, 1920 e 1925. Revisitar esse livro é um convite para rever o desenvolvimento de suas ideias, no decorrer desse tempo e seus desdobramentos *a posteriori*, nos textos que vieram para complementar suas proposições, em especial, sobre a sexualidade infantil centrada na disposição perversa polimorfa.

Apesar dos avanços que o pensamento freudiano representou para a elucidação de parte dos enigmas que cercam a identidade sexual, suas ideias também são, paradoxalmente, fontes de leituras geradoras de controvérsias que remetem, por exemplo, a ideias como: a homossexualidade como patologia, todo o homossexual é perverso, a escolha de objeto é o fator determinante da estrutura psíquica... Afirmações como

essas nos instigaram a percorrer, pelo menos parcialmente, as trilhas do pensamento freudiano. Para realizar tal meta, partiremos do princípio de que toda identidade sexual é decorrente de um processo identificatório resultante da constituição da sexualidade ampliada do complexo de Édipo.

Antes de seguirmos em nossas teorizações metapsicológicas, pensamos ser pertinente esclarecermos como compreendemos o elemento acidental, referido por Freud em vários momentos do seu clássico “Três ensaios...”. Como sabemos, Freud transita em toda sua obra entre a importância dos fatores disposicionais e os acidentais na gênese da estruturação da alma humana. Contudo, destaca a relevância dos fatores acidentais, enquanto representantes da força do inconsciente, que estão relacionado ao vivenciado por cada sujeito na constituição do seu ser:

É que o acidental desempenha na análise o papel preponderante, sendo esta dominada por ele quase por completo; o disposicional só vem à luz por de traz dele, como algo despertado pelo vivenciar, mas cuja apreciação ultrapassa amplamente o campo da psicanálise. (Freud, 1905-1915/1969g, p. 124)

Diante dessas constatações, iremos delinear o nosso pensar articulando uma interação entre a estruturação do psiquismo e a construção do objeto do desejo e suas vinculações com o processo identificatório. Nesse sentido, antecipamos a máxima freudiana em relação ao objeto: “Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela ...” (Freud, 1915/2004b, p. 149).

Visando trabalhar em prol de uma maior clareza, iremos fornecer uma breve narrativa da problemática do complexo de Édipo, tomando por interlocutor “Totem e tabu” (1913/1969f) e “À guisa de uma introdução ao narcisismo” (1914/2004a). Essa articulação segue o modelo proposto por Paim Filho (2014b). Como produto do entrelaçamento desses dois trabalhos temos condições de verificar a vigência de uma sexualidade ampliada que constitui a vivência edípica desde a origem do sujeito. Como sabemos, teremos um primeiro tempo decorrente do investimento parental que determinará a criação do narcisismo primário com seus mandatos endogâmicos: todo filho deve dar conta dos

desejos incestuosos oriundos dos progenitores. Jocasta e Laio ocupam o primeiro plano nesse palco das origens, tempo da identificação direta e imediata, com a instauração da bissexualidade narcísica: “todos os seres humanos são capazes de fazer escolhas de objeto homossexual e que de fato o consumaram no inconsciente” (Freud, 1905-1915/1969g, p. 136). Observemos que falar em escolhas traz consigo um paradoxo: trata-se muito mais do ser escolhido, pelo investimento do outro, para ocupar o lugar de realizar os desejos não realizados nas figuras parentais (Freud, 1914/2004a). Assim, vir a *escolher*, dentro do escopo do determinismo do inconsciente, é produto de um árduo trabalho psíquico: protótipo do labor do luto – “segundo o modelo do objeto perdido” (Freud, 1921/1969e, p. 144) –, inerente a toda construção identificatória.

Seguindo um percurso desenvolvimentista, se apresentará num segundo tempo uma abertura nesse universo endogâmico – Eu-ideal – pela instauração das marcas da incompletude que o complexo de castração comporta, trajeto pelo qual o sujeito possa avançar do *ser* o objeto para o vir a *ter* o objeto. Contexto compatível com a possibilidade de instaurar-se a renúncia aos desejos incestuosos e parricidas em nome de um devir que o Ideal-do-eu comporta. Se assim o for, esse sujeito estará habilitado a uma maior plasticidade para avançar de uma escolha de objeto homossexual (narcísica) para uma escolha de objeto heterossexual (edípica propriamente dita). Para dar fundamentação a essas proposições, Freud vale-se da bissexualidade psíquica e seus desdobramentos no complexo de Édipo direto e invertido. Balizados por essa proposição que faz da escolha de objeto homossexual a mais precoce das escolhas, entendidas como um determinismo oriundo do inconsciente parental, portanto, narcísicas. Trabalharemos com a suposição que todos somos herdeiros de uma bissexualidade narcísica, com suas potencialidades de vir a ter uma bissexualidade edípica propriamente dita, conforme as ideias de Paim Filho e Garcia (2017).

Corroborando essa ideia, Freud nos diz:

A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as expressões de ternura ela está despertando a pulsão sexual do seu

filho e preparando a intensidade posterior dessa. Ela considera seu procedimento com um amor “puro”, assexual ...” (Freud, 1905/1969g, p. 210).

Essa afirmação associada ao “excesso de ternura” materna e vinculada a ausência da figura paterna, será trabalhada por Freud para teorizar sobre a estruturação da homossexualidade. Para efetivar tal da meta vai se ocupar de “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância” (1910/2013).

Homossexualidade(s): retratos de uma clínica freudiana

Freud, nesse escrito, ocupa-se da pesquisa mitológica assim como da lembrança infantil de Da Vinci para elucidar questões acerca da bissexualidade da homossexualidade. Retoma figuras míticas, as quais representam a maternidade juntamente com a virilidade para impulsionar a temática do feminino e masculino em um mesmo sujeito – o seio como símbolo do feminino, e o pênis como representante da potência masculina. Como estimado apreciador e curioso da história dos mitos gregos, revisita Atena, Dionísio e Afrodite, como símbolos dessa perfeita união do feminino e masculino em um só corpo, fazendo um paralelo com a pesquisa sexual infantil. E escreve “Houve um dado tempo em que o genital masculino foi tido como compatível com a representação da mãe” (Freud, 1910/2013, p. 159) elucidando o período anterior ao complexo de castração, quando o desejo do menino se volta para o enigma da vida, emergir da pulsão escopofílica – deparando-se com a frustração de que algo “falta” na mulher/mãe. Frustrado, esse menino converte o desejo no oposto, dando lugar à repulsa às mulheres, enquanto castradas, o que nos conduz a introduzir a temática da homossexualidade.

Freud parte da fantasia de Leonardo – a mãe que o bebê mama transforma-se em um abutre (milhafre) que enfia sua cauda na boca da criança – para pensar a passividade, assim como a identificação com a figura materna. Traduz tal lembrança encobridora nos seguintes moldes: “Minha mãe beijou-me apaixonadamente e repetidamente na boca” (Freud, 1910/2013, p. 98). A partir desse encontro sexual o seu corpo, como um todo e, posteriormente, seu próprio genital passa a

ser extremamente assaltado por excitações. Essa significativa valorização do pênis torna impensável a possibilidade da diferença no outro e, assim, parte rumo a exploração do que este outro possui – vivência intensa, erótica, com a mesma. Nesse ponto, o autor traz a contribuição de Sadger o qual afirma que seus pacientes homossexuais, em sua maioria, traziam consigo – em suas histórias – mães/mulheres masculinas retirando o pai da posição que lhe cabia: “Na verdade, parece que a presença de um pai forte asseguraria, no filho, a escolha correta de objeto, ou seja, uma pessoa do sexo oposto” (Freud, 1910/2013, p. 91), tomar o pai como modelo. Referente a essa mesma contribuição, não podemos deixar de mencionar um importante adendo feito na nota de rodapé (Freud, 1910-1919/2013) o qual introduz dois fatos importantes que a pesquisa psicanalítica traz para a compreensão da homossexualidade: o aprisionamento nas necessidades eróticas da mãe, bem como, a importância da vivência, mesma que passiva, de uma escolha de objeto homossexual e, mais, que todos nós a temos registrada em nosso inconsciente. Agrega, ainda, a presença constante de enérgicas forças contrárias a essa demanda incestuosa. Retomando a relação materna, a fantasia de Leonardo cria corpo metapsicológico para teorizar o lugar dessa identificação na homossexualidade masculina: tomar a mãe como objeto de identificação, e não como objeto de desejo, colocando-se em seu lugar. Dessa forma, narcísica, escolhe seus novos objetos amorosos: os belos jovens meninos – como o duplo das origens.

É interessante o movimento que encontramos nesse texto, Freud não encerra, a partir da compreensão de Leonardo, suas proposições sobre a gênese da homossexualidade, mas, ao contrário, faz uma abertura, que implica em continuação. Reafirma que esse é um modo de entendê-la, mas destaca sua singularidade e adverte para a possibilidade da existência de outras configurações: “Pode se originar de uma variedade de processos psicosexuais de inibição” (Freud, 1910/2013, p. 168).

Entretanto, não podemos desconsiderar a importância desse trabalho para uma possível compreensão da homossexualidade, que transpõe o caso de Leonardo. Nesse sentido reafirma: “o jovem não abandona a mãe, mas identifica-se com ela ... procura objetos aos quais

possa conceber um amor e carinho iguais ao que recebeu de sua mãe” (Freud, 1921/1969e, p. 137).

Prosseguindo em sua abordagem, de como alguém se torna homossexual, em 1920, Freud se debruça *Sobre a psicogênese do caso de homossexualidade feminina*. Momento que instiga a integração da configuração da homossexualidade em ambos os sexos. Com Leonardo nos oferece algumas facetas da sua estruturação nos homens; com Sidonie⁵ nas mulheres.

Trata-se de uma paciente de dezoito anos que se encanta por uma “dama da sociedade”, dez anos mais velha, a ponto de abandonar todos seus outros interesses para admirá-la. Tal dama tinha relações promíscuas com vários homens e mantinha relações íntimas com uma mulher casada. A paciente, segundo seus pais, nunca havia demonstrado interesse pelo sexo oposto. E, em anos anteriores, já havia apresentado sentimentos intensos por outras mulheres.

Freud destaca que a escolha pela dama apontava para a existência da bissexualidade, já que além de satisfazer os desejos homossexuais (ideal masculino), satisfazia também os heterossexuais (ideal feminino) – a amada apresentava características físicas que lembravam muito seu irmão mais velho.

Com relação à história sexual, constata que a paciente viveu normalmente o complexo de Édipo (posteriormente teria substituído o pai pelo irmão mais velho) e não apresentava nenhum trauma sexual. A

5 Esse é o nome que nossa jovem homossexual, cujo o nome verdadeiro é Margarethe Csonka-Trautenegg, recebe das suas biografias, no livro – *Desejos secretos: a história do Sidonie C., a paciente homossexual de Freud* (Rieder e Voigt, 2008). Nessa biografia temos a oportunidade de conhecer outras facetas de nossa jovem: infância – maturidade – velhice – morte. Esse amplo contexto nos permite especular, com maior amplitude, as vicissitudes da sua sexualidade infantil, o que nos permite confirmar a tese freudiana da homossexualidade vinculada, de forma estreita, com a função materna, e que essa não é decorrente de uma doença, ou talvez, tenha em si as agruras de toda a neurose, com um colorido sugestivo de histeria: *Fiquei assim por causa de minha mãe ... qualquer mulher era uma inimiga. Só quando percebeu que alguma coisa em mim não estava normal ficou simpática. Amorosa, de fato, foi apenas no final, quando tomou os comprimidos, até me disse que tinha olhos lindos* (p. 415). As narradoras dessa história comentam a importância, para Sidonie, da beleza materna e complementam, esse pensar, com a seguinte frase de nossa protagonista: *Sempre fui apaixonada pela beleza. Um bela mulher é sempre um prazer para mim, e será assim até o fim de minha vida* (p. 416).

constatação da diferença sexual (em torno dos 5 anos ao comparar seu corpo com o de seus irmãos) trouxe grandes consequências psíquicas.

Sua relação com a figura materna tem um colorido hostil, ela não se opunha à relação homossexual da filha (era até mesmo sua confidente) a não ser pelo fato desta se tornar pública. Chamava a atenção a diferença com que tratava os filhos: aos meninos bastante mimo, era fria com a filha, pois a via como uma rival e por isso interferia na relação dela com o pai. O impacto que causou a gravidez da mãe deve-se ao fato de ter acontecido justamente na adolescência de Sidonie, quando ela tinha 16 anos. Momento em que estava revivendo seus sentimentos edípicos, apresentando o desejo de ter um filho do pai. Assim, sentiu-se desapontada, traída, pois quem engravidou foi sua mãe e não ela; por esse motivo ficou magoada com o pai e com os homens, renunciando à sua feminilidade (procurou outro objeto sexual – regressão ao narcisismo). “Ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor” (Freud, 1920/1969d, p. 170). Além disso, a escolha homossexual oferecia um ganho secundário, que visava diminuir a hostilidade materna para com ela: ao desistir dos homens os deixava para a mãe e, assim, não precisavam mais competir – “deixando o caminho livre” (Freud, 1920/1969d, p. 172).

O fato de descaradamente sair com a dama mostrava o quanto queria que o pai soubesse de sua escolha, pois só assim poderia vingar-se dele, desafiá-lo:

Era notável, também, que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da filha. A mãe era tolerante, como se apreciase a “retirada” da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele. (Freud, 1920/1969d, p. 171).

Esse romance familiar nos induz a refletir no processo identificatório: de um lado está identificada com mãe, fálica (no Ter), com o feminino explicitado na beleza, por outro, identificada com o pai, no masculino, na busca ativa do objeto do desejo (no Ser). Tal temática será

trabalhada mais à frente, quando abordarmos a questão do homoerotismo de sujeito e de objeto.

Freud indo além do seu tempo e talvez do nosso, assinala que Sidonie não apresenta doença, que a questão da sua homossexualidade é um problema para a família, ou ainda, para ordem social: “a tarefa solicitada não era solucionar um conflito, mas a de converter uma variante da organização sexual para outra” (Freud, 1920, p. 162). Ela não apresenta sofrimento psíquico em relação ao seu objeto do desejo, portanto, não tem indicação de análise. Observemos a palavra *variante*, que corrobora sua tese dos “Três ensaios...”: “fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos” (Freud, 1905/1969g, p. 51).

Acreditamos que esses dois casos, trabalhados por Freud, confirmam e, ao mesmo tempo, trazem para o debate contemporâneo a seguinte afirmação freudiana, tomando por referência a história de Leonardo: “Foi através dessa relação erótica com minha mãe que me tornei um homossexual” (Freud, 1910/2013, p. 97).

1. Estrutura psíquica: destinos da sexualidade infantil

*A libido de todos nós oscila normalmente,
ao longo da vida,
entre o objeto masculino e o feminino.*
(FREUD, 1920, p. 171)

Seguindo nosso ponto de vista, pretendemos estabelecer alguns parâmetros de como se constitui a estruturação da psique. Assim, vamos nos direcionar, de forma circunscrita, para as três grandes estruturas que nos foram legadas pelo pensamento freudiano: neurose, psicose e perversão. Entretanto, nos ocuparemos de forma mais ampla da relação neurose-escolha de objeto homossexual e como será trabalhada quando da interlocução com o filme *Azul é a cor mais quente* (Kechiche, 2013), encontro com uma jovem homossexual no século XXI.

Nossas teorizações sobre essas estruturas partem do pressuposto que, a partir dos encontros primários da pulsão com o objeto via ação

específica e pela nova ação psíquica, delineiam-se as bases fundantes da psique: marco inaugural do processo identificatório na sua intrínseca relação com a bissexualidade. Nesse palco psíquico em que são enenadas as vicissitudes de Narciso e Édipo, mediados pelo complexo de castração, instaura-se a singularidade de cada sujeito. Nesse interfluxo contínuo se estabelece o autoerotismo e o narcisismo – *de fato o consumaram no inconsciente* –, com seus desdobramentos no acontecer da conflitiva edípica. Esse processo, como um todo, tece a singularidade que estrutura cada indivíduo.

a. Neurose: um olhar metapsicológico sobre o inconsciente recalçado (Verdrängung)

*todos nós somos doentes,
ou seja, neuróticos.*
(FREUD, 1917/1969h, p. 476)

*A pulsão sexual dos psiconeuróticos permite discernir
todas as aberrações que estudamos como variações
da vida sexual normal e como manifestações da patológica.*
(FREUD, 1905/1969g, p. 155).

É com essa declaração, já há muito tida como clássica e não por isso menos verdadeira, que Freud inicia seu texto sobre os caminhos da formação de sintoma na neurose. Nessa, assim como em outras conferências, se dedica a explicitar da forma mais organizada e clara possível de que maneira um sujeito torna-se um doente dos nervos; todavia, vai além, mostra-nos como todos nós, considerados indivíduos normais, somos, em algum nível, neuróticos por excelência, bem como possuímos potencial para o adoecimento, como para a cura: *todos nós somos doentes*.

Para avançar nessa afirmação tão polêmica para a época, como talvez para nossa, retoma seus estudos com base naquelas que seriam as primeiras estruturas encontradas por ele: a neurose histérica conversiva, a neurose obsessiva e, um pouco mais tarde, a histeria de angústia.

Através delas, explica como a libido, em sua íntima ligação com o inconsciente, que contém em si o desejo incestuoso e parricida, busca satisfação a todo o momento e a qualquer preço; ao mesmo tempo em que o Eu, em sua íntima ligação com o consciente – e, portanto, o mundo externo – faz uso de todos os seus recursos para direcioná-la a objetos que sejam tolerados por ele e, logo, pela sociedade. Desse jogo de forças surge uma aliança, uma formação de compromisso, em que ambos cedem para que todos ganhem, a isso chamamos de sintoma, pelo viés da psicopatologia, ou sonhos pela chamada normalidade.

Entretanto, esses caminhos descritos tão profundamente por Freud ao longo da sua obra, só são possíveis porque algo permite que, em um primeiro momento, essa libido seja de alguma forma enfraquecida ao ponto de poder ser redirecionada; algo se intervém no momento em que os primeiros objetos desejados, as figuras originárias, se apresentam no sentido de barrar tal satisfação por ser demasiada desorganizadora para o futuro desse psiquismo. Tal mecanismo é o que de fato cinde o aparato de uma vez por todas em consciente/pré-consciente e inconsciente: o recalque originário.

Garcia-Roza (1995) em sua obra sobre a metapsicologia freudiana, discorre extensamente sobre os dois momentos do recalque: primário e o propriamente dito ou secundário. Nesse primeiro tempo, temos o que seria o momento inaugural do inconsciente, as experiências vividas pelo sujeito na constituição da sua sexualidade infantil. Estas vão gerar impressões, marcas mnêmicas, traços e, posteriormente, representações. Assim, cria-se o estado de desejo e a repetição dessa experiência fortalece o mundo da memória.

Ao nos reportarmos ao recalçamento propriamente dito estamos falando não apenas do momento clímax da conflitiva edípica – em que a ameaça de castração e/ou o receio de perder o amor dos primeiros objetos exige do Eu que retire da consciência os desejos incestuosos e parricidas – falamos também desse já citado sistema criado na primeira infância: o recalçado. Esse que agora se encontra em seu momento derradeiro, agindo de forma constante e necessitando de um pós-calcar, frente a força imponente que lhe habita. Cenário que requer a atividade de um novo recalque, que potencialize o primário, para manter

depositado no inconsciente as ideias que não mais podem ser suportadas. É esse recalque que ao possibilitar ao Eu o alívio de transformar o curso da libido, também o condena a suportar a constante pressão vinda do inconsciente para trazer à tona tudo aquilo sobre o que o recalque operou – o território do desejo. Nesse sentido o retorno do recalque, terceiro tempo do recalque, atua como o eterno mediador dos destinos da pulsão, com seu entrelaçamento com o desejo, apresentando ao mesmo a vida neurótica, ou ainda, a vida de todo o sujeito. Condição determinante da dinâmica psíquica: desejo *versus* proibição.

O recalque é o grande representante da lei, que opera de maneira seletiva e dialética: exige a renúncia do desejo em sua plenitude e oferece alguma forma de satisfação via o retorno do recalque. Nesse sentido, o objeto do desejo é produto do trabalho do inconsciente recalqueado via processo primário.

b. Perversão: Um olhar sobre o inconsciente renegado (Verleugnung)

quando há nelas as características de exclusividade e fixação, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico.
(FREUD, 1905/1969g, p. 151)

Na carta 52 (1896/1969a), encontramos a primeira referência às zonas erógenas e a seus vínculos com a perversão que vai ganhar corpo teórico e sustentabilidade a partir de 1905, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1969g). A perversão seria a preservação da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta, sem o trabalho de transformação que o recalque impõe. Freud alicerça sua compreensão do conceito sobre o axioma: “a neurose é, digamos, o negativo da perversão” (Freud, 1905/1969g, p. 63), que apresenta ressonâncias nas “Conferências introdutórias à psicanálise” (Freud, 1917/1996b). Por

esse caminho na “xx Conferência”⁶ falando da especificidade de alguns dos homossexuais – aqueles que apresentam elevado *desenvolvimento intelectual e ético* (Freud, 1917/1996b, p. 356) – destaca que estes “se comportam em relação aos seus objetos sexuais aproximadamente da mesma forma como as pessoas normais o fazem com os seus” (Freud, 1917/1996b, p. 357). Paralelamente, no caso do “Homem dos lobos” (Freud, 1918/1980), assinala três correntes vigentes na vida psíquica, entre elas a que reconhece e não reconhece a castração – renegação.

Antes de avançarmos um breve parêntese, somente a partir de 1915, de forma incipiente, Freud começa a discriminar as perversões sexuais – como está posto de forma mais enfática em “Três ensaios...” – da perversão. No sentido que essa passa a ganhar contornos de uma estrutura, aos moldes da neurose e da psicose, em especial com o advento da *segunda tópica* (Freud, 1923/2007b), com o conceito de *renegação* (Freud, 1923/2007b) e com a “Cisão do eu nos processos de defesa” (Freud, 1938/2014). Contudo, o postulado de uma estrutura propriamente dita se dá por Lacan (1966/1998a e 1966/1998a).

Para Freud, a perversão é resultante da fixação infantil em um estágio pré genital da organização libidinal, ou seja, em função desta fixação, a corrente pré genital torna-se o eixo organizador da vida sexual. Sendo assim, as fantasias movimentam-se neste sentido. Estas fantasias, pré genitais, coexistem tanto no neurótico como no perverso, a diferença se dá quando o sujeito põe em cena e faz delas o centro de sua vida sexual – *exclusividade e fixação*. Assim, o perverso realiza em ato, e/ou em suas fantasias conscientes, tudo aquilo que o neurótico fantasia de forma inconsciente. Isso decorre do fato de que este sucumbe às leis

⁶ Destacamos que no momento em que Freud começa a discorrer sobre os invertidos utiliza a expressão *pessoas “pervertidas”* (Freud, 1905/1969g, p. 356). Acreditamos que essa aspa denuncie a sua necessidade de assinalar o diferencial com as perversões sexuais patológicas. Entendemos que esse “pervertidas” seja em relação ao desvio da meta final, portanto, em relação ao objeto do desejo – uma variação. Também é oportuno assinalar que nessa conferência, aos moldes dos “Três ensaios...”, Freud sublinha o trabalho de Iwan Bloch, *Contribuições à etiologia da psicopatologia sexual* (1902/1903). Trabalho que visa refletir a homossexualidade sob o prisma constitutivo. Nesse sentido, Freud comenta as ideias de Bloch: “Na conceituação da inversão, os pontos de vista patológicos, foram deslocados pelos antropológicos” (Freud, 1905/1969g, p. 131).

que o recalque instaura, realizando o seu desejo de forma condensada e deslocada, que dará origem a máxima: “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (Freud, 1905/1969g, p. 60).

A perversão, como estrutura, é definida pela cisão vertical da renegação – *verleugnung* – que caracteriza uma defesa que envolve uma recusa perceptiva, de reconhecer a falta em mim e no outro, representada, por exemplo, pelo corpo da mãe. Corpo onde está ausente o pênis, o perverso não consegue elaborar esta falta, pois precisaria deparar-se com a própria castração. Entretanto, o mecanismo de tal cisão que foi inicialmente pensado, exclusivamente, como sinônimo da recusa da castração, ausência do pênis na mulher, é ampliado em 1938. No texto “Esboço de psicanálise” (Freud, 1938-1940/2007a), Freud, ao trabalhar o conceito, delinea a possibilidade da relação de equivalência entre a recusa da castração e a recusa da realidade de uma percepção traumatizante. Para corroborar esse pensar vai se valer da psicose: “a causa precipitadora da irrupção de uma psicose é que a realidade tenha se tornado insuportavelmente dolorosa ou que as pulsões tenham adquirido uma intensificação extraordinária...” (Freud, 1938/2014, p. 163).

Nesse sentido, tomando o “Fetichismo” como modelo para pensar a perversão, a descoberta da ausência induz a construção de um substituto imaginário: o objeto fetiche. O fetiche nasce da constatação da visão da percepção de que ao corpo da mulher falta um elemento, a vagina denunciando o corte – *stigma indelebile* (Freud, 1927/2007c, p. 163) da não completude. Portanto, o olhar se desloca desse lugar que revela a falta e se dirige para um objeto adjacente: a calcinha, o sapato, o pé... Diante do saber e do não saber da castração, com suas verdades paralelas, o fetiche tem uma função organizadora das pulsões. Nesse palco erótico, a realização sexual ocorre no encontro com a unidade fetiche, com o seu ser paradoxal – *monumento que não deixa esse horror* [castração] *ser esquecido* (Freud, 1927/2007c, p. 163) – e não no encontro com o outro, como uma unidade: parte pelo todo.

Quando Freud dialoga com a perversão, discorre sobre a fantasia perversa e fantasia de inversão deixando aberto um caminho profícuo para discriminar a perversão, enquanto estrutura, da homossexualidade como variação na perversão. Nesse sentido, recordamos, que no item três

do primeiro “Ensaio”, quando discorre sobre as perversões, trabalha a diferença entre variação e doença. Por esse caminho defende a ideia da perversão patológica, insinuando algo estrutural, e *simples variações no interior da escala fisiológica* (Freud, 1905/1969g, p. 56). A perversão não se define com essa relação direta com o fetiche, esse não é causa e, sim, consequência – manifestação do retorno do renegado. Uma relação de crença de que o outro, assim como eu, não é castrado, de que não há falta. Portanto, a perversão toma o outro como uma extensão fálica de si.

c) Psicose: um olhar sobre o inconsciente forcluído (Verwerfung)

Apesar das diferenças entre neurose e psicose, é importante ressaltar que, tanto na irrupção de uma psicose como de uma neurose, a etiologia comum é a mesma: uma privação, a não realização de algum daqueles desejos da infância, sempre indomáveis.
(FREUD, 1924/2007d, p. 97)

A psicose é, por si só, vista como uma solução primitiva que o psiquismo encontra para lidar com o sofrimento e, dessa forma, com sua vulnerabilidade. O fato é que se trata de um meio no qual a cisão do recalque não é predominante; como Freud irá comentar no texto sobre o Sr. Presidente Schreber (1911/1969c) e depois novamente em “A perda da realidade na neurose e psicose” (1924/2007d), trata-se de um psiquismo que ainda não alcançou toda a extensão de defesas que o recalque disponibiliza ao sujeito para enfrentar situações que geram ansiedade. O seu equivalente – ao recalque – na psicose é um mecanismo denominado projeção. Quando o conflito se estabelece em sua insuportabilidade, não possuindo tal recurso, o indivíduo ao recolher sua libido investida no objeto, a reinveste no próprio Eu, em outras palavras, toma seu Eu como objeto, podendo desenvolver dessa forma um mundo próprio, criação imaginativa para substituir aquele tão maléfico que o decepcionou. Por conseguinte, projeta este mundo para fora de si, como realidade e nele vive como se nada soubesse de um outro mundo anterior, e assim, busca um contexto mais favorável a si. Tal forma de se relacionar com a realidade externa é denominada posteriormente de forclusão (Lacan,

1958/1998a), o que fica evidente na máxima do presidente Schreber: o que foi abolido internamente retorna desde fora – no delírio e na alucinação. Lacan vai cunhar tal expressão a partir dos assinalamentos de Freud sobre a *Verwerfung*.⁷ Paim Filho (2003/2014a) propõem essa dinâmica, o retorno do forcluído como similar ao retorno do recalque. Portanto ratificamos o que é intolerável e deve ser ejetado do psiquismo, na psicose, é a realidade da castração. Essa vivência é dramatizada, por exemplo, na alucinação do dedo cortado do homem dos lobos.

Do mesmo modo, o que define uma das características mais essenciais do psicótico é o não reconhecimento das diferenças entre o Eu e o não Eu- mundo de Narciso, aquilo que frustra e é insustentável ao sujeito; ficando então impossibilitado de ascender ao recalque, a castração, ao reconhecimento de um outro diferente – mundo de Édipo. A escolha de objeto nessa estrutura gira em torno do Eu-ideal, o outro como um duplo, fusão e, novamente, o aprisionamento ao narcisismo primário.

2) Escolha de objeto: formas de expressão do desejo

O homossexualismo sem dúvida não é vantagem, mas não é nada de que alguém deva envergonhar-se, nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificado como doença, consideramo-lo uma variação da função sexual, produzida por uma parada no desenvolvimento.
(FREUD, 1935/1982, p. 487)

Após esse breve percorrido, pelo pensamento freudiano sobre as vicissitudes e variações da sexualidade infantil, com seu imanente hermafroditismo psíquico, vamos nos ocupar das particularidades da escolha de objeto homossexual. Como já dissemos, a escolha de objeto de desejo não determina a estrutura psíquica. Nesse sentido, podemos ter escolha de objeto homossexual, bem como heterossexual na neurose, na psicose e na perversão. Como fundamentar tal proposição? Se cada

estrutura tem um mecanismo fundante próprio, como explicar o interjogo das cisões em relação a escolha de objeto? Se na homossexualidade temos a renegação, como justificar metapsicologicamente sua vigência, em particular, dentro do campo da neurose? Interrogantes contundentes. Sem a pretensão de respostas definitivas vamos lançar algumas especulações.

Entretanto, antes de prosseguirmos em nossa explanação, vamos reviver o assinalamento feito por Freud sobre a relação entre psiconeuroses e inversão:

Em todos os neuróticos – sem exceção – encontra-se, na vida psíquica inconsciente, impulsos de inversão, de fixação da libido em pessoas do mesmo sexo. Sem uma discussão aprofundada não se pode apreciar adequadamente a importância desse fator na configuração do quadro clínico ...
(Freud, 1905/1969g, p. 63)

Essa afirmação enfática vai merecer uma nota de rodapé, no mínimo, esclarecedora para nossas ideias, com uma particular potencialidade de produzir estranhamentos: “A psiconeurose também se acompanha frequentemente de inversão manifesta; nesse caso, a corrente heterossexual sucumbiu a plena repressão (*Unterdrückung*)” (Freud, 1905/1969g, p. 64). Não bastando, essas afirmações, Freud agrega uma nova nota, em 1920, destacando a necessidade de propiciar um olhar mais atento a tal acontecimento: “Esse fato, ainda não foi suficientemente apreciado, deve influir de forma decisiva em todas as teorias da homossexualidade” (Freud, 1905-1920/1969g, p. 64).

Objetivando apreciar adequadamente a correlação – psiconeurose – inversão –, em prol de aprofundar a discussão, retomemos a expressão interjogos das cisões. Acreditamos que esse possa ser um bom sinalizador para nossa proposição. Como sabemos, pelo que discorremos anteriormente, se estabelece em cada estrutura o predomínio de um tipo específico de cisão, como forma de administrar a força do desejo, diante do encontro sinistro com a castração. Contudo escutemos: predomínio, não exclusividade. Visando corroborar essa hipótese, recordamos Freud, quando elucida a seletividade do recalque e sua mobilidade:

⁷ Nesse sentido remetemos o leitor ao trabalho “Percepção – Castração: as múltiplas faces do eu” (Paim Filho e col, 2018). No referido texto os autores trabalham o lugar estrutural das cisões do recalque, da renegação e da rejeição/forclusão na constituição do Eu.

O recalque trabalha, portanto, de forma individual; cada representação derivada isolada pode ter seu destino específico; um pouco mais ou um pouco menos de deformação faz com que o resultado se altere ... Ele não é apenas individual ... como também móvel em alto grau” (Freud, 1915/2004b, pp. 180-181).

Tomando essa compreensão como indicador metapsicológico, ousamos expandir esse caráter de seletividade e mobilidade para a renegação e a forclusão. Destacando que a falência desses elementos – produtores de maleabilidade psíquica – são um dos responsáveis pela configuração dos quadros psicopatológicos.

Com esse cenário, como tela e moldura, propomos a seguinte concepção, para estruturar a relação neurose e escolha de objeto desejo: na resolução da conflitiva edípica, na neurose, o desejo incestuoso e paricida sucumbe ao recalque com suas interdições. Em consonância com esse pensar é valioso resgatar a explanação feita por Freud sobre o amplo arco identificatório que compõem o complexo de Édipo:

de modo que teríamos um arco, no qual uma das extremidades contém os casos que prevalece o complexo de Édipo normal e positivo e a outra contém os casos em que o complexo de Édipo aparece invertido e negativo. Ao longo do arco situariam-se os casos em que a forma completa do Édipo se compõe de uma mescla dos dois componentes em proporções variadas. (Freud, 1923/2007b, p. 44).

Seguindo nesse escopo destaca o que, por vezes, é negligenciado: “quando da dissolução do complexo de Édipo, as quatro vertentes que o compõem se combinarão de modo a resultarem em uma identificação materna e paterna” (Freud, 1923, p. 44).

Com base na ideia da seletividade e da mobilidade do recalque, mais as quatro vertentes (identificação paterna/identificação materna – escolha de objeto a mãe/escolha de objeto o pai) com suas múltiplas possibilidades de combinação, na resolução do complexo de Édipo, pensamos no seguinte contexto: que quando houver um recalque mais

pleno teremos a vigência da supremacia do Édipo direto: meninos – ser como o pai para ter a mãe; em meninas ser como a mãe para ter o pai. Porém, quando o recalque se faz mais flexível, abre espaço para outras cisões, como, por exemplo, nosso objeto de interrogação, a renegação. Entendemos que nessa conjuntura, a homossexualidade na neurose, teremos uma renegação pontual da realidade da castração: o não reconhecimento das diferenças anatômicas entre os sexos. Esses sujeitos têm condições de acordo com seus arcos de possibilidades identificatórias edípicas – *mescla dos dois componentes em proporções variadas* – ter um perfil mais feminino ou mais masculino. Isso corrobora, por exemplo, a tese que virilidade pode ser encontrada tanto em homens heterossexuais como em homossexuais. Tal fenômeno, no rol da feminilidade, aplica-se, também, para as mulheres. Entendemos que essa compreensão vem ao encontro da proposição freudiana de 1905 sobre a inversão na neurose: *nesse caso, a heterossexualidade sucumbiu a plena repressão* e a homossexualidade emerge através da renegação.

Seguindo com tal perspectiva como referência, recordamos a observação de Freud, que cita Ferenczi em nota de rodapé, em 1920, em “Três ensaios...”. Este propõe discriminar dois tipos de homossexuais: quanto ao objeto e quanto ao sujeito – “homoeróticos enquanto ao sujeito”, que se sentem mulheres e se comportam como tal, e os “homoeróticos quanto ao objeto”, e que são completamente masculinos e apenas trocaram o objeto feminino por um objeto do mesmo sexo” (Freud, 1905-1920/1969g, p. 137). Contudo, em consonância com o mosaico identificatório que a resolução do processo edípico propicia, Freud adverte, para existência de graus variados de composição, entre esses dois *homoerotismos*, na constituição psíquica do indivíduo.

Antes de encerrarmos, esse breve percurso pelas trilhas do pensamento freudiano, vale resgatar qual relação entre a homossexualidade e o fetichismo. Resgate em nome de exercitar uma busca para discriminar suas diferenças, a partir da semelhança que trazem consigo, a renegação da diferença anatômica entre os sexos. Freud revela preocupação similar no trabalho “O fetichismo” em que declara em relação a criação do objeto fetiche, monumento que revela e encobre a realidade da castração da mulher: “Também salva o fetichista de se

tornar homossexual, dotando as mulheres da característica que as torna tolerável como objetos sexuais” (Freud, 1927/2007c, p. 163).

Compreendemos o fetichismo, como já dito, como pertencente ao universo da perversão, enquanto estrutura. Essa que comporta a cisão vertical da renegação, de uma forma mais radical: presença das duas verdades – a que reconhece e a que não reconhece a realidade da castração – em mundos paralelos. Exemplificada na expressão: Eu sei que as mulheres não têm pênis, mas gozo com o objeto fetiche. Evidentemente a corrente que governa sua vida psíquica é a que não reconhece a castração. Nesse contexto a mulher, em sua singularidade, é destituída de valor, o que importa é a “coisa fetiche”, essa que encerra em si a ideia de uma totalidade absoluta: *dotando as mulheres da característica que as torna tolerável como objetos sexuais*. Temos nessa expressão sintetizada uma das marcas centrais da perversão, a desconsideração pelo objeto como um todo, que por muitas vezes é acompanhada de uma crueldade, oriunda da pulsão de apoderamento – ausência da barreira da *compaixão* (Freud, 1905/1969g, p. 101).

Em contraponto, na homossexualidade na neurose, com sua cisão pontual, o objeto do desejo é reconhecido em sua amplitude. O homossexual tem como objeto de investimento um outro semelhante, que não traz em si a marca da castração no corpo: um homem que busca um homem; uma mulher que busca uma mulher. Desejo um outro similar com suas complexidades. Renego as diferenças anatômicas, mas contemplo as diferenças que levam a complementaridade: o recessivo em mim que busca o dominante no outro...

Freud ratificando sua posição, a respeito da homossexualidade, afirma em carta em Jones (1921/1969e), em resposta a sua pretensão de afastar da formação analítica um médico holandês homossexual: “da mesma forma que não podemos apoiar a condenação legal da homossexualidade, não podemos recusar com base nisso a admissão a formação. Uma admissão requer o exame das qualidades do candidato, e não da sua escolha de objeto sexual” (Apfelbaun & Kahn, p. 187, apud André, J. 2018).

Homossexualidade

Um olhar para cultura – metáfora para a clínica

A Literatura sobre a homossexualidade não costuma distinguir com suficiente clareza as questões sobre a escolha de objeto, por um lado, e o caráter sexual...
(FREUD, 1920, p. 187)

Visando trabalhar as particularidades do caráter sexual e da escolha de objeto homossexual na neurose, nos propomos a lançar um olhar sobre o filme *Azul é a cor mais quente (La vie d'Adèle)* (2013). Nesse filme, a personagem principal Adèle descobre, na cor azul dos cabelos de Emma, sua primeira paixão por outra mulher. Sente acesa em si a chama de um desejo homossexual. Tempo de confrontar-se com um grande enigma: qual o meu desejo? Que contém, inevitavelmente, um outro: quem sou Eu? Convocatória para refletirmos o processo identificatório.

Adèle é uma introvertida jovem de 15 anos, estudante de ensino médio onde suas colegas conversam constantemente sobre meninos. Entretanto, num certo dia, passa por uma mulher com cabelo azul curto (Emma) e é imediatamente atraída. Depois de Adèle ter sido assediada por uma de suas amigas, e de ter fantasias vívidas sobre a mulher que avistou, questiona-se a respeito dos seus desejos. O estranhamento fazendo rupturas na modelação até então erigida. Oportunidade de buscar responder: o que quer uma mulher?

Certo dia reencontra Emma, uma graduanda em artes, de uma família mais liberal e, assim, ambas iniciam uma aproximação. Sem poder revelar a ninguém seus desejos, Adèle se entrega por completo a esse amor secreto, enquanto trava uma guerra com sua família e com a moral vigente – distorção no sentimento. Elas começam um relacionamento apaixonado. A família de classe média alta de Emma é muito acolhedora para o casal, mas, em contrapartida, Adèle precisa mentir para seus pais, não pode revelar sua escolha sexual. A mentira revela a fragilidade paterna. É necessário manter o pacto de realizar o sonho não realizado dos pais. Enquadre que revela que algo paira em suspenso, fazendo jus à

afirmação de Freud “o que é decisivo para nós, se quisermos conhecer em alguém a especificidade da inversão, não é a ação real, mas a distorção no sentimento” (Freud, 1910/2013, p. 101).

Nos anos que se seguem, o casal passa a viver junto, investindo numa relação amorosa. Adèle termina a escola e se junta ao corpo docente em uma escola primária local, enquanto Emma tenta seguir em frente com sua carreira de pintora. Nossa jovem homossexual se sente pouco à vontade entre os amigos intelectuais de Emma e está deprimida com a sua carreira de professora. Emerge a possibilidade de questionar-se: quem sou Eu. Porém, são poucos os recursos para viabilizar tal empreitada. Sua neurose, com seus traços histéricos, revelam a encruzilhada na qual está fixada: entre o masculino e feminino – a bissexualidade se faz proeminente. Adèle gosta de jogar o papel feminino estereotipado no seu relacionamento, mas Emma torna-se distante fisicamente e emocionalmente. Elas gradualmente começam a perceber o quão pouco têm em comum. As complexidades emocionais se manifestam na relação e Adèle, em um momento impulsivo de solidão e confusão, tem um envolvimento sexual com um colega. Esse ato se dá em nome de quem? Ou ainda, para quem? Acreditamos que a demanda parental internalizada nas vicissitudes da sua bissexualidade psíquica teatraliza o feminino nos desejos heterossexuais. Contudo, o masculino em si clama por percorrer outros caminhos: a não realização do seus mais secretos desejos com os homens. A eterna insatisfação da histeria? Emma se torna consciente da breve, mas significativa, aventura e expulsa Adèle do seu apartamento. Compreendemos que o faz não somente em nome de uma injúria narcísica, mas também pela percepção das dificuldades de Adèle se haver com sua identidade sexual.

Três anos após o ocorrido e, embora Adèle encontre satisfação em seu trabalho como professora de jardim de infância, uma tristeza significativa começa a dominá-la. Percepção do infantilismo de sua sexualidade? As duas finalmente se reencontram, por convite de Adèle. Essa segue apaixonada por Emma e investe na ligação que ainda existe entre elas. Contudo, seu antigo amor se encontra em outro relacionamento estável. Emma nega o apelo pela retomada da relação, porém não desconsidera a relevância de sua história de amor: “Eu tenho uma

ternura infinita para você. Eu sempre a amarei. Toda a minha vida...” Ternura significando o desenrolar de uma sexualidade mais sublimada? Emma, como artista, pode lançar mão de outros recursos para contar sua sexualidade – eternamente infantil – convertendo seu desejo (genital) por Adèle em heranças mnemônicas de uma relação vivida em outro tempo. Adèle, diferentemente, se vê presa com suas crianças em sala de aula e sua criança interna – eternização do infantilismo da sexualidade, Eu-ideal – duplo insatisfeito que se projeta na atualidade de suas experiências, impossibilitada de dar um destino mais definitivo para a sua libido: renúncia em nome de um porvir, ideal-de-Eu.

As duas se despedem amistosamente. Essa comovente cena revela a capacidade de renúncia de Emma: não basta amar para estabelecer-se uma relação amorosa suficientemente boa. Emma apropriada de seus recursos internos – condições de trabalhar seus lutos – vai construindo seu caminho entre dores e amores, respaldando a máxima freudiana, sobre uma possível marca do ser saudável: *Lieben/amar und/e arbeiten/trabalhar* (Mahony, 1982/1992, p. 207).

O filme termina na exposição de arte de Emma. Uma das obras principais era o retrato de Adèle – o belo e inquietante do infantil cristalizado. Emma a recebe, mas não lhe dá muita atenção, direcionando-se a outros convidados. Adèle a felicita sobre o sucesso de sua arte e se despede da exposição após uma breve conversa com um jovem homem. Ele corre atrás dela, mas vai em direção errada. Aventamos a possibilidade de que talvez vai em direção certa, uma vez que Adèle segue perdida em meio a suas fantasias bissexuais. Inferimos a ideia que siga perguntando-se se o Azul é a cor mais quente? A cor do desejo?

Encerrando uma observação de Freud em relação a força coercitiva da cultura – injusta – em face ao desejo do indivíduo:

Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às injunções morais. (Freud, 1908/1969b, p. 197).

Essa observação segue pertinente? Vivemos com maior liberdade o nosso desejo? Seguimos exigindo de todos uma idêntica conduta sexual? Os preconceitos seguem exigindo obediência? Se assim for, a desobediência segue sendo bem-vinda.

Homosexualidad: recorriendo los caminos del pensamiento freudiano

Resumen: El artículo se propone a revisitar de manera puntual los escritos teóricos de Freud sobre la homosexualidad. Para ello, parte de la revisión del concepto de estructuras psíquicas, haciendo una diferenciación cuanto al tópico de la elección de objeto, ese que está implicado, pero no es determinante en la constitución de la psique. En este proceso, se intenta desmistificar el lugar marginalizado, que muchas veces, a la homosexualidad históricamente se la coloca, al lado de las *perversiones* “patológicas” (Freud, 1905/1969g). Enseguida, para elucidar nuestras proposiciones, traemos el enredo de la película *La vida de Adèle*. Largometraje que retrata la vida del personaje Adèle, y sus conflictos delante de su romance con Emma. Hacemos uso de esta producción cinematográfica para que desmembramos teóricamente la relevancia de los estudios sobre la homosexualidad y su pertinencia en la contemporaneidad. Con ese breve recorrido tenemos la pretensión de reactualizar los fundamentos freudianos sobre las identificaciones y la problemática de la identidad sexual.

Palabras clave: homosexualidad, Freud, estructuras, elección de objeto, deseo, identificación

Homosexuality: covering the paths of Freudian thought

Abstract: The article proposes to look back in a specific way the theoretical writings of Freud about the homosexuality. Therefore, begins with the concept's review of psychic structures, making a differentiation about the topic of the object choice, which is implied, but not determinant in the psyche constitution. In this process, searches to demystify the marginalized place that, many times, the homosexuality is historically situated, right next to the “pathological” *perversions* (Freud, 1905/1969g). Moving forward, to clarify

our propositions, we summon up the plot of the movie *La vie d'Adèle*. Feature film that depict the life of the character Adèle, and the conflicts against her romance with Emma. We use this cinematographic production to dismember theoretically the relevance of the studies about the homosexuality and its pertinence in the contemporaneity. With this brief traveled we have the pretense of bring back the freudian fundamentals about the identifications and the sexual identity problematic.

Keywords: homosexuality, Freud, structures, object choice, desire, identification

Referências

- André, J. (2018). A homossexualidade do psicanalista. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 25(3), 635-650.
- Freud, S. (1969a). Carta 52. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 317-324) Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1969b). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 187-208). Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1969c). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 23-108). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1969d) A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 185-212). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1969e). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 18, pp. 74-154). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1969f). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 17-192). Imago. (Trabalho original publicado em 1913 [1912-13])
- Freud, S. (1969g). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 136-124). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

- Freud, S. (1969h). XXI Conferências introdutórias sobre psicanálise – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 16. pp. 375-395) Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1980). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.). (Vol. 17, pp. 19-151). Imago. (Texto original publicado em 1918[1914])
- Freud, S. (1982). Carta a um anônimo. In S. Freud, *Correspondência de Amor e outras cartas (1873-1939)* (S. Agenor, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1935)
- Freud, S. (1996). XX Conferências introdutórias sobre psicanálise – A vida sexual dos seres humanos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 16. pp. 309-324). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2004a). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad., Vol. 1, pp. 97-131). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004b). Pulsões e destino da pulsão. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 145-162). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2007a). A cisão do eu no processo de defesa. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 171-179). Imago. (Trabalho original publicado em 1938/40)
- Freud, S. (2007b). O eu e o id. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 13-92). Imago. (trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2007c). Fetichismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 159-170). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2007d) A perda da realidade na neurose e psicose. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad., Vol. 3, pp. 125-134). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2013). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 9, pp. 113-219). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2014). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (P. H. Tavares, Trad., Vol. 1, pp. 15-177, 1.ª Ed.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1938)
- Garcia-Roza, L. A (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Livro 3). Jorge Zahar.
- Kechiche, A. (2013). *Azul é a cor mais quente*. Alcatraz Films.
- Lacan, J. (1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 537-590). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (1998b). Kant com Sade. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 776-803). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Mahony, P. (1992). Pós escrito: a leitura psicanalítica de Freud. In P. Mahony, *Freud como escritor* (E. Saporiti, Trad., pp. 194-228). Imago. (Trabalho original publicado em 1982)
- Paim Filho, I. A. (2014a). O representável e o irrepresentável um novo paradigma para pensar as estruturas clínicas. In *Metapsicologia um olhar à luz da pulsão de morte*. Movimento. (Trabalho original publicado em 2003)
- Paim Filho, I. A. (2014b). Totem e tabu: um proêmio ao narcisismo. In I. A. Paim Filho, *Para uma introdução ao narcisismo reflexos e reflexão*. Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.
- Paim Filho, I. A. e Garcia, R. (2017). Do sexual infantil a bissexualidade psíquica. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre o infantilismo da sexualidade*. Sulina.
- Rieder, I. e Voiht, D. (2008). *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud* (L. Barreto, Trad.). Companhia das Letras.

Ignácio A. Paim Filho
ignacio.a.paim@gmail.com

Augusto M. Paim
augusto.m.paim@gmail.com

Bruna Ferreira Fernandes
bferreirafernandes1@gmail.com

Liza S. A. Corso
lizacorso@outlook.com